

CICLO DE CINEMA

12 OUT 17:00



**DOMINGOS NA CASA DO CINEMA
MANOEL DE OLIVEIRA
E O CINEMA PORTUGUÊS 2**

O MEU CASO

SESSÃO 20

12 OUT, 17:00

MON CAS | O MEU CASO, 1986

Realização: Manoel de Oliveira

Produção: Paulo Branco

Argumento: Manoel de Oliveira, baseado na peça de teatro *O Meu Caso* de José Régio, e em excertos de *Pour finir encore et autres foirades* de Samuel Beckett e de *O Livro de Job* do Antigo Testamento

Direção de fotografia: Mário Barroso

Montagem: Rodolfo Wedeles e Véronique Bliet

Direção de arte: Zé Branco e Luís Monteiro

Guarda-roupa: Jasmin de Matos, Josette Savalle e Marie France Argentine

Caraterização: Veronique Vincent e Nathalie Tanner

Direção de som: Joaquim Pinto

Música: João Paes

Interpretação: Bulle Ogier (atriz e mulher de Job), Luis Miguel Cintra (desconhecido e Job), Axel Bogousslavsky (empregado e Elifaz), Fred Personne (autor e Bildad), Wladimir Ivanovsky (primeiro espetador de Zofar), Héloïse Mignot (segunda atriz), Grégoire Oestermann (segundo espetador e Eliú), Henri Serre (voz), Manoel de Oliveira e equipa de filmagens (não creditados)

Produção: Filmargem, Les Films du Passage, S.E.P.T. e La Maison de Culture du Havre

Cópia: 35mm, cor / preto e branco, a exhibir em formato DCP

Duração: 88'

Estreia: 30 de agosto de 1986, Festival de Cinema de Veneza, Itália

País: França / Portugal



COM A APRESENTAÇÃO DE PEDRO CRISPIM

Pedro Crispim formou-se em teatro na Academia Contemporânea do Espetáculo (2010) e licenciou-se em Cinema e Audiovisual na Escola Superior Artística do Porto (2013). Concluiu o mestrado em Comunicação Audiovisual, na especialização Produção e Realização Audiovisual, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Politécnico do Porto (2016) e uma pós-graduação em Argumento pela Escola Superior de Média, Artes e Design (2019). Doutor em Ciências da Comunicação, na especialidade de Cinema e Televisão pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (2022) com a tese "Resgates da câmara: Intimidade e unidade de espaço no cinema de ficção narrativo" sobre a relação entre intimidade e unidade de espaço no cinema de ficção. Escreveu e realizou a curta-metragem *Palhaços* (2015), vencedora, entre outros, do Prémio Sophia Estudante (ficção) e da Menção Honrosa do MotelX. Foi assistente de realização de Manuel Mozos na curta-metragem *A Glória de Fazer Cinema em Portugal* (2015). É professor na licenciatura de Cinema e Audiovisual da ESAP, investigador no Centro de Estudos Arnaldo Araújo e assistente de programação da Casa do Cinema Manoel de Oliveira da Fundação de Serralves.

MON CAS

1. À primeira vista, *Mon Cas* é o mais ligeiro dos filmes, o “divertissement” de um Oliveira triunfante. Quase nada, salvo o *quantum continuum* que é o teatro, parece associar este filme ao *opus magnum* que era *Le Soulier de Satin*, filme de 1985, imediatamente anterior a este. É verdade que há ainda planos muito longos e que cada personagem tem o seu monólogo, mas o estatismo hierático da câmara e dos atores, bem como a sucessão de “recitativos” dos personagens do *Soulier*, são substituídos por uma surpreendente leveza que nos faz pensar no teatro de *boulevard* e nas comédias do cinema mudo.

Convém todavia estar atento à metodologia de Oliveira. Em *Mon Cas* o cineasta procede como um arquiteto. A ligeireza não é senão um primeiro diagrama, correspondendo ao “plano de terra”. Oliveira levantará depois a pirâmide visual do “alçado” e só a combinação desses dois conjuntos, desses dois diagramas, nos permite obter a imagem em perspetiva, a unidade perfeita da tremenda inocência e da tremenda crueldade que *Mon Cas* encerra. Compreende-se então que, na sua aparente diversidade, *Mon Cas* nos conduz ao eterno centro da obra de Oliveira, à culpa, ao pecado e à justiça, às relações, enfim, entre o humano e o divino.

2. *Mon Cas* é a adaptação da peça de José Régio. Dir-se-ia que Manoel de Oliveira se apropria duplamente do texto de Régio. Em primeiro lugar, encena-o segundo convenções teatrais, afirmadas de modo evidente e inequívoco através da presença ritualizada da cortina, de definição de um espaço e tempo cénicos que os cenários nunca iludem e que as “entradas” dos

atores reforçam. Mas se Oliveira é o encenador de Régio, ele é, num segundo tempo, o realizador do filme que regista a sua própria encenação, fiel de resto a um dos princípios teóricos que comandou a sua obra dos anos 80, segundo o qual o cinema mais não é do que o registo audiovisual do teatro, forma subtil de dizer que o teatro é o “caminho mais curto” para se chegar ao cinema.

3. É curioso verificar que aquela dupla apropriação não significa que tenha havido da parte do cineasta uma irrepreensível fidelidade ao espírito da peça de Régio. Na adaptação de Oliveira sente-se que há um deslocamento do nó temático. O conflito entre a ilusão da representação e o drama da condição humana, presente ainda nos diálogos e monólogos dos personagens, só acessoriamente parece motivar Oliveira. *Mon Cas* é um filme em que se presente uma ilimitada confiança na representação, quase se admitindo que não há um exterior da representação. Se o problema da peça era, a meu ver, de tipo ético, o do filme é estético “tout court”: o que é a geometria cinematográfica, como chegar à “costruzione legittima”?

4. Por isso se diz que Oliveira procede em *Mon Cas* como um arquiteto. É um filme sobre a perspetiva, sobre a unidade de dois plano – horizontal e vertical. A explicitação desses dois planos é evidente e múltipla ao longo de todo o filme. É um filme ligeiro e grave, já se disse. Da explanação linear do texto de Régio que constitui a primeira repetição, passa-se a modelos contrastantes, escasso o da segunda repetição, marcada pela ausência da voz e da cor; excessivo o da terceira repetição, com o caos da voz (conseguindo

pela sua inversão simples) e o barroco da cor. A esse contraste no interior das “repetições” sucede-se a violenta variação de tom (para algum, e à primeira vista, passará por ser um desequilíbrio) da quarta parte. A adaptação dos extratos do “Livro de Job”, muda o registo meio artesanal, meio hollywoodiano (foi Bulle Ogier quem, numa entrevista, o disse: “o que é curioso é que em *Oliveira tudo é artesanal, mas de repente também é como Hollywood*”), para um registo que se aproxima do cinema de Werner Schroeter.

5. Mas então, onde é que está a unidade, em que ponto é que os dois planos, os dois diagramas se combinam para formar a imagem em perspetiva? É quando a unidade parece já impossível, que os dois diagramas convergem para o ponto de fuga de *Mon Cas*. Sem o “Livro de Job”, o filme de Oliveira seria o “divertissement” que alguns encontram nas três repetições, compadecendo-se da gravidade da quarta. O ponto de fuga de *Mon Cas* é Deus, perfeita unidade de que emanam o som (o potente trovão da Sua voz) e a luz (a claridade súbita do Seu raio). Talvez seja curto dizer isto, mas Deus, no filme de Oliveira é o cinema na mais essencial nudez. Ou então, para dizer de outro modo, o cinema não é senão a descoberta de Deus, a Sua revelação.

6. Será *Mon Cas* a alegórica exposição do caso de Oliveira? Será *Mon Cas* o mais explicitamente autobiográfico dos seus filmes? Seríamos tentados a pensar assim, se isolássemos cada um dos dois “planos” do filme. À exposição dos “casos” da peça de Régio, seguir-se-ia a exposição do “caso de Oliveira” implícito na alegoria de Job. Mas a unidade dos dois “planos”, a visão dos dois planos numa imagem em

perspetiva, torna irrisória essa tentativa de leitura do filme pelo lado autobiográfico. Torna-a ao menos desinteressante. O problema do filme, já se disse, não é ético, é estético. E se alguma tensão há, ela é de ordem teológica, fazendo de Deus a justificação última de toda a história. Da mesma forma que Oliveira ironiza cruelmente sobre os “casos” da peça de Régio, tornando-se inaudíveis ou incompreensíveis (parafraçando o texto de Beckett, Oliveira não permite na segunda a terceira repetição que nenhum dos personagens volte a dizer “eu”), também Job, na quarta parte, não pode ser um “caso”, porque “nenhum homem poderia ser justo contra Deus”.

7. *Mon Cas* é uma portentosa exibição da vertente do cinema que Oliveira nunca deixou de explorar (e no *Soulier de Satin* há abundantes exemplos), mas que talvez nunca tivesse explorado, até este filme, com tanta inocência. Seria fastidioso acumular exemplos, bastará ver a segunda repetição, um dos momentos *soberanos* do cinema em Oliveira, com uma prodigiosa *découpage* (acrescente-se que a ideia de “repetição” é um “trompe l’oeil”, uma vez que neste filme uno, todos os elementos são diversos e nenhuma ação é igual à anterior).

Mon Cas é também, para quem tenha “problemas” com a representação dos atores nos filmes de Oliveira - questão absurda, mas que alguns têm como óbvia e pertinente - uma surpresa incómoda. Uma direção de atores espantosa em que o trabalho de Alex Bougosslavsky domina, comovente e sublime, como sublime é o plano em que Luis Miguel Cintra (Job) se levanta para responder à interpelação de Bildad: “*Je dirai a Dieu: ne me condamne pas.*”

8. Este é *Mon Cas* de Manoel de Oliveira, a sua cidade ideal, a impossível Jerusalém terrestre, o mais geométrico dos seus filmes. E é, como as visões de Brunelleschi, de Alberti, de Piero della Francesca e de Leonardo da Vinci, uma visão através de algo. A sua “costruzione legittima”.

Manuel S. Fonseca

(*Folhas da Cinemateca*, 13 de dezembro de 2007)

PRÓXIMAS SESSÕES

13 OUT | DOM | 17:00 OS CANIBAIS

Manoel de Oliveira | 1988 | 99'

20 OUT | DOM | 17:00 O SANGUE

Pedro Costa | 1989 | 95'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

